

PSICANÁLISE E ANÁLISE DE DISCURSO: ELEMENTOS PARA UMA INVESTIGAÇÃO CLÍNICA FUTURA

Jean-Luc Gaspard

Psicólogo Clínico, Professor de Psicopatologia e diretor assistente do Laboratoire de Psychopathologie et Clinique Psychanalytique
E-mail: jlgaspard@wanadoo.fr

*Nelson da Silva Junior**

Psicanalista. Doutor pela Universidade Paris VII, Professor Livre-Docente do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da USP, Professor do Curso Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, Membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental e do Laboratório de Teoria Social, Filosofia e Psicanálise – Latesfip – USP.
E-mail: nesj@terra.com.br

Christian Ingo Lenz Dunker

Psicanalista. Professor do Instituto de Psicologia do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da USP – SP. AME do Fórum do Campo Lacaniano – SP. Autor de diversos livros e artigos.
E-mail: chrisdunker@usp.br

*Tatiana Carvalho Assadi***

Psicanalista. Pós-doutoranda em Psicologia Clínica – USP/ bolsista FAPESP. Coordenadora da Rede de Pesquisa em Corporeidade – Fórum do Campo Lacaniano-SP.
E-mail: tatiassadi@uol.com.br

Caroline Doucet

Professora de Psicopatologia na Université Rennes 2- Haute Bretagne, membro do “Laboratoire de Recherches en Psychopathologie, nouveaux symptômes et lien social” EA 4050.
E-mail: carolinedoucet1@wanadoo.fr

Resumo: A contribuição da psicanálise aos métodos clínicos de investigação não se limita apenas a remanejamentos semiológicos ou psicopatológicos necessários para a abordagem de certo tipo de fenômeno. Neste artigo pretendemos mostrar como a psicanálise compreende uma análise do discurso, cujos critérios de justificação e cujas regras

* Autor do livro *Le fictionnel en psychanalyse. Une étude à partir de l'œuvre de Fernando Pessoa* (Villeneuve d'Ascq, Presses Universitaires du Septentrion, 2000).

** Autora do livro: *Vergonha* (São Paulo, Ediouro Duetto, Coleção Emoções, Mente e Cérebro, 2010) e organizadora, juntamente com Heloísa Ramirez e Christian Dunker do livro: *A pele como litoral – fenômeno psicossomático e psicanálise* (São Paulo, Annablume, 2011). É autora também de diversos artigos.

de ação aspiram universalidade, transmissibilidade e refutabilidade segundo uma epistemologia que seria própria às ciências da linguagem. Examinaremos, em seguida, os fundamentos de tal cientificidade na operação clínica de tal método de investigação, tendo em vista a tese lacaniana de que *a psicanálise deveria ser a ciência da linguagem habitada pelo sujeito*. Levando em conta esta tese, propõe-se aqui um programa de pesquisa para a construção um metamodelo para decomposição das categorias de sentido e significação, utilizadas pela análise de discurso psicanaliticamente inspirada. Postula-se que tal metamodelo topológico contempla certas exigências e vantagens de método, pois (1) permite verificar restrições quanto à extensão do conceito de sujeito na pesquisa clínica, (2) permite caracterizar a economia de sentido no âmbito do simbólico, do imaginário e do real e (3) permite a constituição de *corpora* discursivos para pesquisas psicanalíticas de extração clínica.

Palavras-chave: psicanálise; análise de discurso; epistemologia; metodologia.

Abstract: Psychoanalysis contribution to the clinical methods of investigation is not limited by only the semiologic relocations or psychopathological necessary to approach a certain kind of phenomenon. This article intends to show how psychoanalysis comprehends a discourse analysis, which the justifying criteria and the rules of action, aspire universality, transmissibility and falsifiability according an epistemology that would be of the language sciences. After, the article will look at the fundaments of this scientificity in the clinical operation of such investigation method in view of the lacanian thesis that the *psychoanalysis should be the science of language inhabited by the subject*. Taking in consideration this thesis is proposed here a research program to build a meta-model to decompose the categories of sense and signification, used by the discourse analysis psychoanalytically inspired. It is postulated that such topological meta-model contemplates certain methodological requirements and advantages, because (1) allows you to verify the restrictions of the subject concept extensions in the clinical research, (2) allows you to characterize the sense economy in the symbolic scope, of imaginary and real and (3) allows you to constitute the discursive *corpora* to psychoanalytic researches of clinical extractions

Keywords: psychoanalysis; discourse analysis; epistemology; methodology.

Introdução

A partir de algumas das questões metodológicas e epistemológicas que emergiram ao longo da pesquisa intercultural *Estudo comparativo internacional das marcas auto-infligidas à luz do laço social contemporâneo: funções das tatuagens e escarificações na economia psíquica dos jovens adultos: gênese, relação aos corpos, solução subjetiva*¹, pretendemos mostrar como a psicanálise compreende uma analítica do discurso, cujos critérios de justificação e cujas regras de ação aspiram universalidade, transmissibilidade e refutabilidade segundo uma epistemologia que seria própria às ciências da linguagem. Seria, assim, a própria categoria de discurso o primeiro critério do método psicanalítico. A primeira parte deste artigo visa à definição desta categoria, tal como ela deve ser pensada a partir da clínica psicanalítica. Levando em conta esta tese, é possível conceber um programa de pesquisa para a construção de um metamodelo para exame das categorias de sentido e significação, utilizados pela análise de discurso psicanaliticamente inspirada. A expressão metamodelo refere-se aqui ao emprego combinado de, pelo menos, três modelos de análise da linguagem presentes na obra de Lacan: (1) o modelo da combinatória significante, confluyente com a função do desejo em sua articulação metafórica e metonímica, (2) o modelo da teoria dos quatro discursos confluyente com a função do gozo no laço social e (3) o modelo topológico dos nós, confluyente com as articulações de sentido, significação e contrassentido nos três registros. O objetivo imediato deste metamodelo é de, através da analítica do discurso, enveredar pelo estudo da corporeidade. Postula-se, contudo, que tal modelo contempla certas exigências e acrescenta vantagens metodológicas, pois permite constituir restrições semiológicas quanto à extensão do conceito de sujeito na pesquisa clínica psicanalítica como um todo. Postula-se ainda que este metamodelo permite construir diagnósticos da economia de sentido no âmbito do simbólico, do imaginário e do real. A terceira aspiração deste modelo é formar distintas modalizações transferenciais tendo em vista a delimitação de *corpora* discursivos para a pesquisa psicanalítica. Apresentaremos nesse trabalho apenas o terceiro dos três modelos elencados acima, a saber, o modelo

1 Baseado na cooperação entre o Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (Brasil) e o Laboratoire de Psychopathologie et Clinique Psychanalytique da Universidade Rennes 2 (França), financiado pelo Programa CAPES COFECUB (Projeto nº 609/08).

topológico dos nós, confluyente com as articulações de sentido, significação e contrasentido nos três registros. Os dois primeiros, assim como as propostas e possibilidades de articulação entre os três modelos, serão objeto de publicações futuras.

O Discurso: Critério da Pesquisa em Psicanálise

A tese de Lacan, de que “*a psicanálise deveria ser a ciência da linguagem habitada pelo sujeito*” (LACAN, 1955-56/1988, p. 276), não nos convida apenas a uma concepção instrumental, comunicacional ou hermenêutica de linguagem, cujo acréscimo seria o sujeito. Melhor seria dizer que a *habitação* da linguagem pelo sujeito, sua *dit-mansion*, implica certas consequências metodológicas que radicalizam a constituição da linguagem como objeto de investigação. Pode-se sintetizar tal subversão psicanalítica em três condições, a saber: o diagnóstico, a identificação e o sujeito.

O *diagnóstico*, antes de definir uma forma regular de produção de sentido, designa tipos específicos de *negação* da realização de sentido (*non-sense*). São pontos de resistência à significação (orientada pelo falo), de instabilidade denotativa (metafórica ou metonímica), de impossibilidade de gozo (organizado pelo discurso) e de disparidade da enunciação (negada pelo que a representa no enunciado). Podemos chamar este critério de critério da negação (*Verneinung*), reservando para o termo não apenas o sentido da denegação trivial, mas de compreensão da verdadeira gramática das negações presente na psicanálise. Da teoria da defesa (*Verleugnung, Versagung, Verdrängung*) à teoria da pulsão (*Sublimierung, Verkebrung, Wendung*), da teoria do desejo (*Aufheben, Erinerung, Ducharbeiten*) aos conceitos da técnica (*Gegenstand, Übersetzung, Widerstand*), a psicanálise comporta-se como uma teoria da ação negativa da linguagem. Estudar a estrutura do sentido a partir do trabalho negativo da linguagem, em suas múltiplas incidências, implica um método diagnóstico baseado na localização das manifestações de não-saber. São as oposições, os contrastes, a articulação das diferenças e não as positivities que devem presidir a investigação do discurso. Consideremos este um deslocamento da premissa genérica do método psicopatológico em psicanálise, que surge a partir do desvio e não da normalidade, para o entendimento do discurso. Nesta via é mais difícil explicar a realização da mensagem, o sucesso do ato de fala, ou o fenômeno da comunicação, do que seu fracasso.

A semiologia psicanalítica, quer estejamos no nível dos sintomas, das estruturas ou dos tipos clínicos, ou no nível das formações do inconsciente (atos falhos, chistes,

sonhos, sintomas), ou ainda no nível das modalidades de transferência, deve admitir como ponto de partida o fracasso da construção de sentido (negatividade) e não seu sucesso. É neste ponto que o método psicanalítico de investigação aproxima-se da semiologia e da semiótica. Esta convergência epistemológica foi verificada em autores ligados à análise estrutural do discurso, tais como Barthes (1966/1976), Greimas (1966/1973) e, em segundo momento, sobrevive na crítica desconstrutivista (DERRIDA, 1973), e na crítica da filosofia da diferença (DELEUZE, 1969/1974).

A *identificação*, antes de definir um falso universal constituído pela generalização de um traço, tipo ou categoria, designa operações *lógico-topológicas*. A exigência de método repousa aqui na ideia de que o estudo da produção de sentido deve ser realizado por meio de um nível de abstração superior ao da produção verificada. Isso não representaria nenhuma novidade diante dos diferentes projetos formalistas nas ciências da linguagem, inclusive o método estrutural, não fosse o fato de que tal formalização não constitui uma metalinguagem. Esse não é um critério deontológico ou normativo, como no caso das restrições da lógica aristotélica quanto às relações entre o universal e o existencial, ou da estratégia de Bertrand Russel para evitar os paradoxos de autorreferência, as confusões entre uso e menção, os paralogismos entre as noções de classe, conjunto ou coleção. A impossibilidade da metalinguagem não é operacional, mas demonstrável pelo recurso aos fundamentos da topologia (RONA, 2010). Ela é critério para a permanência da noção não convencionalista de verdade em psicanálise. São estes pontos, superfícies e planos que constituem os objetos no espaço da linguagem, que produzem efeitos de identificação ao significante, que formam as isotopias e paratopias estudadas pela análise de discurso francesa, seja ela de extração literária (MAINGUENAU, 1993/1995), epistemológica (FOUCAULT, 1969/1987) ou propriamente discursiva (PÊCHEUX, 1982/1997).

O terceiro tema metodológico que liga a psicanálise à análise de discurso refere-se ao *sujeito*. Antes de definir-se apenas um efeito ideológico superestrutural, como presume o marxismo clássico, o sujeito corresponde a um efeito temporal, sexuado e diferencial. Estamos aqui diante do terceiro critério da psicanálise entendida como uma análise de discurso: o critério da divisão (*Entzweiung*) presente na tese laciana da *subversão do sujeito*. É neste nível que implica o exame das modalidades de separação e de alienação ao Outro e, mais precisamente, dos efeitos de retorno da mensagem, sob transferência, ao próprio sujeito, que podemos distinguir mais claramente o método de tratamento e o método de investigação psicanalítico. Falamos

em divisão do sujeito, mas também divisão do Outro, divisão presente na sexuação, divisão que aparece na teoria dos discursos ou na teoria do ato em Lacan. Esta ideia lacaniana foi bem percebida pela análise de discurso pós-marxista, seja na herança de Althusser (ZIZEK, 1994/1996), de Lukacs (JAMESON, 1981/1992), ou de Gramsci (TORFING, 1999).

Mas, afinal, o que vem a ser o discurso? Dentre as diversas definições possíveis, podemos dizer que o discurso é aquilo que faz corpo. Desde Aristóteles, quem diz corpo diz *unidade* e diz *sentido*. Há diversas maneiras de segmentar o sentido. Significado no âmbito do signo, denotação ou conotação no âmbito da figura, significância no âmbito do valor, significação no âmbito da frase, correção sintática ou semântica no âmbito do argumento, valor de verdade no âmbito da proposição. As múltiplas definições de sentido (*Bedeutung*) envolvem, portanto, o escopo no qual se define uma unidade. A definição de unidade, por sua vez, presume a operação de retorno ou reconhecimento, por meio da qual se formam a identidade e a diferença do sentido em relação a si, e a operação de orientação no tempo, por meio da qual se denotam seu curso, seguimento ou interrupção. Foucault e Lacan concordam na ideia de que o sentido depende de enunciados e que estes são apreensíveis como superfícies. No interior de superfícies discursivas formam-se objetos. Para Lacan, a superfície mais simples, descontando-se a esfera, dada sua trivialidade, seria o toro. O toro é uma superfície de revolução formada pelo produto de dois círculos, cuja ilustração intuitiva em espaço euclidiano é a boia de borracha. Lacan utiliza a figura do toro para designar as relações entre demanda, que gira em torno de um significante cuja articulação com outro significante encontra-se recalcada, e desejo, que se forma na linha de mediana em torno da qual a demanda completa suas voltas. A operação topológica conhecida como reviramento do toro permite ilustrar como a montagem neurótica equivaleria a uma identificação da demanda do sujeito ao desejo do Outro, e reciprocamente da demanda do Outro ao desejo no sujeito. Há portanto três níveis em que uma unidade se faz ou se conta. As voltas da demanda, que em seu retorno sobre si mesma permite inferir os tempos *únicos* do desejo, que em sua circulação ao Outro permite inferir o traço *unário*. São três dimensões da unidade e, portanto, três dimensões do sentido: uniano (*Einheit*, ou seja, que unifica), único (porque separa do Outro) e unário (*Einzigiger zug*, ou seja, que subsume um traço comum). Se a demanda é demanda de signo de amor, podemos dizer que ela joga com o sentido fixando dois significantes [S1-S2] como um signo e convocando a função do alguém para o qual ele se endereça. Se o desejo é

deslocamento da falta-a-ser (*manque-a-lettre*)², podemos dizer que ele se detém na metáfora do sintoma [S1/S2] e que ele progride na articulação metonímica [S1...S2]. O traço unário, por sua vez, não opera diretamente no âmbito significante, na fala ou na língua, mas no âmbito da letra e dos sistemas de escrita. O traço, e mais precisamente o apagamento do traço, ou seja, a rasura, como operação de negação no âmbito da escrita, introduz um novo tipo de incidência do corpo na linguagem, e, portanto, na forma de *fazer-um* que caracteriza o discurso.

Assim, algo fundamental para uma análise psicanalítica do discurso exige uma primeira distinção que se possa fazer diante de um fragmento de linguagem. Verificar se neste fragmento há ou não há discurso. Há ou não corpo de discurso. Ou seja, se esta determinada superfície de linguagem é de fato uma superfície tórica, o que indiretamente permitiria inferir se nela há estrutura perversa ou neurótica, ou, em caso negativo, se estamos diante de um fora-de-discurso. Mas dizer se há ou não discurso é pouco e presume condições bastante específicas para definir o que é um discurso. Não devemos nos esquecer, contudo, que, segundo Lacan, “o perverso é aquele que eliminou o conflito identificadorio” (LACAN, 1961-62, p. 286), logo a topologia tórica não daria conta do discurso perverso.

Podemos generalizar a acepção de discurso de tal forma a identificá-la com a noção de fala, de argumento ou de narrativa. Por outro lado, podemos respeitar a origem metodológica deste conceito que esteve ligada ao contexto específico da análise da ideologia e do entendimento das instituições e grupos. Neste caso, convém lembrar que o discurso estaria ligado à ideia de uma fala coletiva ou, talvez, um conjunto mais ou menos organizado de enunciados, estratégias e dispositivos que podem ser retomados por qualquer um e potencialmente capaz de individualizar seus agentes em configurações histórico-sociais de poder. É o caso da classificação aristotélica dos discursos em epidítico (deliberativo), dialético (problemático) e elegíaco (louvor). O discurso, e conseqüentemente a relação desejo-demanda, poderia ser abordado neste registro como referido a dois critérios: presença ou ausência (de discurso) e impotência ou impossibilidade (no discurso). Todo discurso, assim considerado, possui um tipo de relação específica com outros discursos. A relação mais simples seria o chamado contradiscurso, ou discurso complementar, que retoma de maneira invertida a demanda do primeiro discurso. Nesta acepção, Lacan definiu o inconsciente como o retorno da

2 Vale lembrar o jogo homofônico que o idioma francês produz entre a *lettre* e a *l'être*.

mensagem invertida, desde o Outro, até o sujeito. É nesta acepção que o inconsciente é o *discurso do Outro*. Esta definição apenas aponta para o fato de que todo discurso possui um modo de relação prevalente com outros discursos, um modo de englobar, interpretar, recusar ou subsumir outros discursos.

É isto que autores como Mainguenaux, Appel e Greimas chamam respectivamente de *ethos* discursivo, ética do discurso e semiótica das paixões. Ou seja, o corpo faz demanda e a demanda é uma categoria ético-política que tem que ver como a formação ou eliminação de um espaço para a posição do outro como outro, ou para a redução do outro ao si mesmo, conforme o trabalho central de Ricoeur. É aqui que seria preciso separar a identificação, para a qual o modelo do toro foi pensado, da transferência. Uma maneira de fazer isso é lembrar uma das definições mais simples que Lacan faz da transferência, ou seja, fenômeno que ocorre sempre que nos *dirigimos autenticamente a alguém*. Ressaltemos a ideia de autenticidade, presente em “*quando o analista não sustenta autenticamente sua práxis ela se reduz ao exercício de um poder*” (LACAN, 1958, p. 586). Salientemos ainda que esta é uma noção envolvida na ideia de estilo em Lacan (*o estilo é o outro a quem me dirijo*) e que estilo refere-se ao modo de corte. Ou seja, o corte da demanda é sincrônico à situação de mudança de discurso. Daí que a transferência se faça acompanhar deste efeito estrutural da mudança de discurso, o amor, bem como da alocação do outro no lugar da fantasia para o sujeito.

A transferência, ao contrário da identificação e suas variantes (idealização, sublimação, projeção, introjeção), é necessariamente corte na demanda, o que não deve ser confundido com oposição ou negação da demanda. Toda demanda instituída, inclusive a demanda envolvida na resposta de questionários científicos, é causa de discurso.

Contudo, para que exista transferência, é preciso mais do que a suposição de saber generalizada própria da ciência moderna, é preciso que exista fala autêntica para alguém. *Alguém* que não é posicionado apenas como representante anônimo de um discurso-demanda instituído. Alguém que deve ser lido em compasso com a definição peirce-lacanianiana de signo: algo que representa alguma coisa para *alguém*.

Lembremos que *alguém* é um dêixico, ou seja, um caso particular da função que é a mesma função na qual se inscreve o sujeito. Apliquemos a tripla distinção que apresentamos com relação ao toro ao dêixico *alguém*. *Alguém* é o destino de uma demanda à condição de que seja *qualquer-um*, ou seja, qualquer um que satisfaça à demanda, ou seja, ninguém “*em particular*”. *Alguém* é articulador do desejo à condição de que seja *este-um*, ou seja, não seja intercambiável com nenhum outro *alguém*. Finalmente, *alguém*

pode ser pensado como suporte de um traço unário, ou seja, um semblante, quando este alguém é ao mesmo tempo *um-alguém*, porém indeterminado. Não apenas que tem ou não tem sentido, mas que está fora-do-sentido, mas não fora da linguagem.

Vejamus um exemplo comentado por Lacan, tanto no Seminário das psicoses, quanto De um Outro ao outro. Na situação em que Robinson Crusóé nota uma marca na areia, um desenho, uma forma. Surge uma primeira questão: *é isto uma pegada?* Seria a incidência contingente do mar sobre a areia? No primeiro tempo trata-se de instituir algo como uma mensagem, ou seja, de formar a posição indexada por *alguém*. O naufrago aproxima-se e apaga a marca na areia. Ao apagar esta marca, ao negá-la como formação natural indeterminada, ele a transforma em uma mensagem. Ele faz passar a marca ao estatuto de traço (*pas-de-trace*). Como traço, ela pode ser lida. Notemos que o passo lógico de reconhecimento de que *isto é algo que pode ser lido*, decide que ali há discurso, que ali há sentido, mas não diz nada sobre qual sentido. Há *alguém*. Uma vez reconhecido como legível, pela incidência da rasura, ou seja, pelo apagamento da marca e sua elevação à condição de traço ou rastro, podemos passar para o segundo passo: *isto diz o quê para quem?* É o âmbito do significante “*pegada*”. “*Pegada*” faz demanda que inicia um circuito de revezamento de significações. São as voltas da demanda: *perigo, salvação, indígena, naufrago, fuga, providência divina, ironia do destino*. Temos aqui duas alternativas: deslocamento ou detenção e curso ou discurso. No segundo caso emerge a questão: quem (*alguém*) responde pela enunciação desta pegada, que agora aparece para Crusóé como enunciado? Discurso interior que será subvertido pelo encontro com *Sexta-feira* e sua tarefa primordial, a aprendizagem da língua. Segue-se o nível das articulações metafóricas e metonímicas, negações que posicionam o sujeito, identificações que o assimilam ao outro. *Sexta-feira*, metáfora do selvagem e da natureza a ser colonizada, da dominação do homem pelo homem. *Sexta-feira* metonímia pela qual seu novo nome é escolhido, signo da ausência ou da presença do outro, instrumento pelo qual a ilha pode ser conquistada, objeto pelo qual o discurso de Crusóé o tornará novamente humano.

Retomemos, nesse ponto, as características formais do modo usual de recolhimento de dados: a entrevista clínica de pesquisa semidirigida. Esta situação se constitui como um artefato de laço social e se caracteriza por uma dupla vertente: a primeira é a de mobilizar inegavelmente o sujeito em sua relação com o saber (discurso da ciência). A segunda se deve ao fato de que qualquer aceitação, mas também qualquer recusa de participação em entrevistas de pesquisa, ou seja, qualquer resposta a uma

oferta de encontro introduz o sujeito na dimensão da demanda no campo do Outro. Assim, por um lado, será confrontado à demanda do investigador e, por outro, à interrogação sobre o que é o seu desejo. Disto resulta uma atenção específica com respeito à estrutura da situação na qual se inscreve o processo de enunciação. Esta estrutura é compreendida de um modo geral unicamente sob o ângulo dos processos intrapsíquicos de mudança e de efeitos concretos sobre o comportamento induzidos pela série de entrevistas. Consideramos, contudo, que, além dos enunciados, o processo discursivo pode vir condensar, num precioso resumo no eixo da enunciação, *os tempos lógicos do processo subjetivo*³.

O modelo topológico: um modelo da trança do sentido e da descontinuidade da cadeia significante

A menção do eixo da enunciação nos permite reintroduzir três condições complexas ao método psicanalítico, que um instrumento de pesquisa psicanalítica deve necessariamente tentar captar: a espontaneidade da fala, a realidade da linguagem e o real de seus agentes. Tal problemática é atendida especificamente por um dos instrumentos utilizados, a saber, uma entrevista semiestruturada, cujo objetivo é o de apreender *in vivo*, por assim dizer, o sujeito em seus acidentes discursivos, eventualmente seus confrontos com os impossíveis do dizer. O resultado de tais entrevistas é de natureza a alimentar várias pesquisas em psicanálise e, nesse sentido, a primeira questão que se impõe é de ordem epistêmico-metodológica. Existiria então alguma forma de extrair dos *dados* a gramática discursiva de sua *construção* e do *objeto* presente como discurso o *sujeito* que ele em início presumia?

Ora, no plano teórico, a contribuição da psicanálise às análises do discurso se apresenta sob uma dupla vertente. Primeiramente, com relação ao enunciado, pois a trança do sentido remete ao percurso do sujeito que se constitui como significante através do seu próprio discurso, através das suas ancoragens, os seus desvios, das suas insistências, suas repetições, os seus escapes, ou seja, a partir da repetição significante, em sua versão semântica e sintática. Em segundo lugar, com relação à enunciação, pois aquilo *“que o inconsciente traz ao nosso exame, é a lei pela qual a enunciação nunca se reduzirá ao*

3 Tempos lógicos definidos por Lacan como o instante de ver, o tempo de compreender e o momento de concluir.

enunciado de nenhum discurso” (LACAN, 1966, p. 892). Ou ainda, dito de outro modo: “*que se diga fica esquecido por trás do que se diz em o que se ouve*”, em francês: *qu'on dise reste oblié derrière ce qui dit dans ce qui s'entend*” (LACAN, 1973, p. 448). O momento onde o sujeito cessa de poder testemunhar sobre aquilo que o torna cativo ou limitado, é precisamente ali que emerge, de maneira evanescente, *o sujeito do inconsciente*. Claro está que uma abordagem estatística ou linguística da linguagem, caso ocorra de modo exclusivo, irá sistematicamente apenas fracassar diante deste fenômeno negativo. Como observa Jean Claude Maleval, em sua crítica aos estudos linguísticos e cognitivistas sobre as perturbações da linguagem no psíquico:

À pura análise linguística, que poderia ser confiada um computador, faltarão sempre dos elementos essenciais, difíceis de apreender, que dependem não somente das intenções do locutor, aos pressupostos do contexto afetivo e social, mas ainda mais fundamentalmente à relação do sujeito do inconsciente com suas produções verbais. (MALEVAL, 2000, p. 166)

É assim que um método de análise do discurso remetido à psicanálise, destacando a distinção entre o sujeito do enunciado e o sujeito da enunciação, se faz necessário.

Retomando o modo de análise freudiano do sintoma e as diversas formações do inconsciente, Lacan define este último, não como “*uma linguagem no sentido onde isto quererá dizer que é um discurso*”, mas – para incluir a sua fórmula doravante famosa – “*estruturado como uma linguagem*” (1955-56, p. 187). Pela sua pulsação temporal na estrutura, o inconsciente será então reconhecido na sua posição de borda. Será assim pensado como um “*corte em ato*” entre o sujeito “*pressuposto do inconsciente*” e o Outro tomado como “*dimensão exigida de que a palavra afirme-se como verdade*” (LACAN, 1966, p. 839). Por conseguinte, será apenas prestando atenção ao processo de enunciação que poderemos apreender a entrada em cena do sujeito do inconsciente, um sujeito constitutivamente separado do seu ser (divisão tanto constituída quanto revelada pelo jogo dos significantes).

Sendo assim, é notoriamente propício que uma entrevista semidirigida possa abrir esta alavanca para a enunciação. Certamente deve-se contar com um entrevistador psicanalista que possa manejar os percalços surgidos ao longo do caminho. Um ponto essencial deve reter nossa atenção: o fato de que, ao apresentar-se às leis da linguagem, o movimento inaugural da constituição do sujeito necessariamente se renova. Fazemos aqui referência ao tempo primeiro onde um grito do infans, em sua prematuridade, vocaliza impulsionado por alguma necessidade do organismo (Tempo 1)

e entra “*numa conjunção intersubjetiva*”, ao ser interpretado pelo **Outro** (materno) como um apelo (Tempo 2). Esta intervenção do Outro, que inscreve no registro da intencionalidade o que inicialmente não era senão expressão de uma necessidade, está no centro do processo de subjetivação.

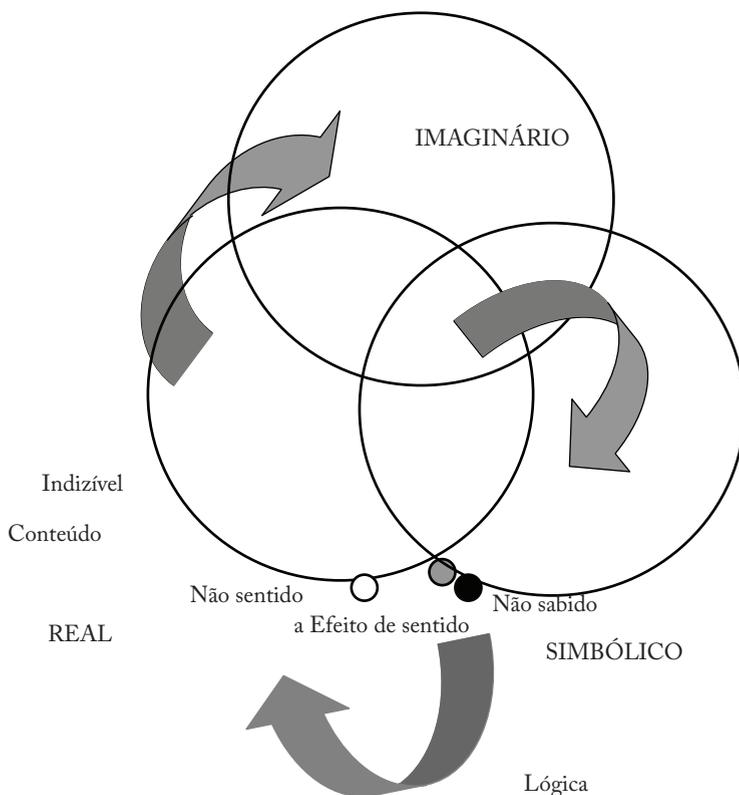
A primeira consequência desse modelo é determinante, dado que, de gênese do sujeito assim pensada, o implica na via da palavra a partir de uma exterioridade primeira. Com efeito, é do Outro que o infans recebe o uso da cadeia significante.

A segunda consequência se define ao formar-se no lugar do Outro aquilo que será o não sabido do sujeito, ali onde pode-se apreender que o inconsciente está sujeito às leis próprias da linguagem (articulação e combinação que significa, jogos da metáfora e a metonímia). Lá, vai inscrever-se doravante o sujeito do inconsciente (sujeito da enunciação), ignorante do fato de que foi e será sempre falado pelo Outro. Será nesse sentido, assujeitado (\$), “na medida em que, de acordo com as frases, de acordo com os modos, [o sujeito] perde-se tanto quanto ele reencontra-se, e que, em uma interjeição, em um imperativo, uma invocação, ou mesmo uma insuficiência, continua sendo ele que lhes apresenta o seu enigma, e que fala” (LACAN, 1964, sessão do 22 de Janeiro de 1964, p. 28).

É passando pelo Outro como lugar do código que supostamente suporta a verdade da palavra e dá sentido à mensagem $s(A)$ que o sujeito indicará que algo lhe vem do inconsciente. Assim ele vai encontrar-se levado a um segundo nível do discurso, o que “se interroga, que interroga as coisas em relação a ele mesmo, em relação à sua situação no discurso que não é mais exclamação, interpelação, grito da necessidade mas já nomeação” (LACAN, 1958-59, sessão de 27 de maio de 1959).

Na medida em que o sujeito tenta, pela linguagem, suturar a falta à qual esta mesma linguagem o introduziu: falta redobrada se se considera que o acesso a esta parte do seu ser não cessa de escapar-lhe, uma vez que o Outro (ele mesmo barrado) não pode fornecer a chave – a referência ao *sujeito da enunciação*, como dizíamos, constitui o fundamento de um trabalho clínico de tratamento dos dados. Nesta via, convém atribuir um interesse pronunciado às rupturas e descontinuidades introduzidas no processo de enunciação. Mais precisamente este interesse será atribuído a dois tipos de acidentes: em primeiro lugar, às *mudanças do discurso* que podem produzir-se no âmbito do encontro clínico; em segundo lugar, às descontinuidades da cadeia significante ao longo do discurso.

Mais uma vez reiteramos como a mudança de entonação, de direção discursiva, ocorreu no quadro de nossas entrevistas, assim como as rupturas e discontinuidades, sobretudo marcadas por lapsos, interjeições e/ou tropeços linguajeiros.



Trança de sentido (sens) e discontinuidade da cadeia significante

No plano topológico, e a título de elaboração provisória, três superfícies distintas podem ser definidas: em referência ao *não sabido* do discurso (que poderia ser trazido ao gozo fálico), ao *sem sentido* (unido ao campo aberto do gozo Outro e seu vazamento como à dimensão do real) e ao *sentido* (ligado ao gozo semiótico).

As flechas caracterizam o percurso do *sujeito do enunciado* num giro significativo que conduz à *trança do sentido*. Os “pontos triplos” são os círculos colocados nos pontos de cruzamento das dimensões R. S. I. por onde se revela, nos desequilíbrios, nos fracassos ou nas surpresas do processo de enunciação, o *sujeito do inconsciente*. Em uma homologia perfeitamente simétrica a esta “dança em três passos” constitutiva

do entrançamento do sentido, o sujeito da enunciação deve a sua emergência a um outro triplo passo, ou seja, são as modalidades de negação que examinamos anteriormente: *não sentido real* do qual o sujeito é uma resposta, *o não gozo* que dá conta da transformação de um organismo em corpo (dimensão imaginária) e o *não Outro do Outro* que testemunha o fato de que não há metalinguagem e por conseguinte que o Outro inscreve-se também na falta e não pode oferecer ao sujeito o que o completaria (dimensão simbólica).

Propomos chamar estes “pontos triplos”: *ponto de não sabido*, *ponto de não sentido* e *ponto de sentido*. O *ponto de não sabido* é interno ao discurso, e enoda Simbólico e Real, no que desenvolvemos como lugar da produção. Ou seja, em cada discurso e em cada versão de um mesmo discurso reveza-se o que é produzido e que escapa ao próprio discurso como efeito de sua produção, como uma espécie de furo necessário interno ao simbólico. Em termos de linguagem é a ex-sistência imaginária, ou consistência, ou seja, a significação fálica (metáfora e metonímia). O ponto de sentido articula o discurso (como formação coletiva) e a fala (como formação singular), enoda, portanto, o Imaginário e o Simbólico na operação que descrevemos como demanda, respondendo em termos de linguagem pelo nível de lalíngua (*lalangue*). É a ex-sistência real. O ponto de não sentido enoda Imaginário e Real, respondendo, em termos de linguagem, pela função do nome e da escrita como (ex-sistência simbólica).

No plano metodológico, estes últimos são valiosos, dado que permitem libertar três *categorias de indicadores* quando:

durante um discurso intencional onde o sujeito apresenta-se como querendo dizer alguma coisa, produz-se algo que excede seu querer, e que se manifesta como um acidente, um paradoxo, ou mesmo um escândalo. (LACAN, 1957-58, p. 51)

O ponto de não sabido (preto) é o ponto de interrupção que se abre sobre o que do simbólico escapa ao enunciador através das *surpresas* da produção da linguagem. Consideramos nessa modalidade: os lapsos, as recusas, equívocos, contradições, erros ou esquecimentos. O ponto de não sentido (branco) introduz, quanto a ele, à dimensão do real. Assinala a marca de uma intrusão de gozo e remete a uma *ruptura brutal* da lógica, assim como a estrutura formal do discurso. Mas pode tratar-se também do *não respeito da lógica cronológica* ou da *temporalidade gramatical*, assim como todo acidente da voz (gagueira, afonia, silêncio prolongado, etc.). Por exemplo, a desarticulação da

cadeia significante pode ser tal que os enunciados tornam-se incompreensíveis (fora do discurso), flutuantes (debilidade) ou paradoxais, e tal descontrole acompanha-se às vezes de descargas motoras ou afetivas.

O ponto do sentido (cinzento) é o que introduz ao registro imaginário (corpo), nomeadamente neste mais-gozar parasitário obtido pelo jogo significante ou por um achado linguageiro que, com seu lastro, carrega o barco da mensagem no tempo. Haverá aqui a predominância do que Lacan define como do registro de *lalangue*. No âmbito do discurso, a formação do sentido realiza-se nomeadamente com o exercício metonímico da cadeia significante. Em Freud, trata-se principalmente da condensação (*Verdichtung*) e do deslocamento (*Verschiebung*). Reconhecemos aqui o *chiste* sobre o qual Lacan notava que, da surpresa do outro, o sujeito colhe um prazer que reproduz o prazer da primeira satisfação da demanda, “o mesmo prazer primitivo que o sujeito infantil, mítico, arcaico, primordial (...) recolhera do primeiro uso do significante” (LACAN, 1957-58, p. 99) e a *metáfora*. Note-se, contudo, que a utilização das leis próprias do funcionamento da linguagem não conduz sempre a um efeito de sentido (situado no meio do enlaçamento RSI). De modo que, para que uma combinação significante não fracasse no tropeço do sentido ou no “pouco-sentido”, mas dê lugar a uma criação original, ela deva ser reconhecida, homologada ou valorizada pelo Outro.

Colocando este método de processamento dos dados na forma escrita (transcrição das entrevistas, inventário dos enunciados, etc.), oferece-se doravante ao investigador a possibilidade “de questionar o que resulta em primeiro lugar do efeito da linguagem como tal, em outros termos, da função simbólica” (LACAN, 1970-71, sessão do 17 de Fevereiro de 1971). A partir da distinção entre sujeito do enunciado e sujeito da enunciação, teremos indicadores capazes de revelar a posição que o sujeito adota perante a sua própria divisão constitutiva. Estará ali registrada a maneira como o sujeito:

trata aquilo que ele encontra como não tendo sentido – ou seja, como experiência do limite da linguagem que supostamente repete a experiência do encontro primordial deste último. (SAURET, 1997, p. 167)

O que apresentamos e trouxemos não deve, segundo pensamos, ser apreendido como uma simples representação ou ilustração, mas constitui verdadeiramente a estrutura de um texto⁴, cujas linhas de força se tratarão de atualizar, cuja gramática

4 Na última parte do seu ensino, podemos notar o esforço de Lacan para demonstrar que o nó borromeriano

deve ser trazida à tona, assim como onde caberá explorar um saber oculto sobre o real em sua dimensão insistente e perturbadora para o sujeito. O investigador encontra-se necessariamente confrontado à incompletude no caminho íngreme e acidentado da reconstrução da qual depende toda apresentação de caso. Neste trabalho de intérprete, é certamente impossível de reabsorver o particular sob uma ordenação fenomênica ou da linguagem.

Para “construir um caso”, aqui não ao longo de um tratamento ou uma cura, mas sim resultante de um encontro, convém afastar-se dos modos de apresentação habituais de resultados que, mesmo que incluam o testemunho do sujeito, se fundam em procedimentos de objetivação. Trata-se antes de tender para uma construção de casos numa acepção analítica e freudiana do termo. Porque será sempre ao deixar prevalecer a singularidade do sujeito que o investigador poderá estar em condições de identificar a ação da estrutura e eventualmente de propor um primeiro esboço desta última.

Conclusão

Para concluir, seria ainda necessário indicar em que direção nosso trabalho almeja prosseguir. A noção de efeito de discurso ainda não foi suficientemente explorada pelos comentadores de Lacan, mas é crucial na medida em que representa o lugar que um discurso reserva para seus próprios efeitos, e que não pode, por definição, ser reabsorvido ao lugar do Outro. Quando examinamos um discurso, perguntamos do que ele é feito, quais são suas superfícies de repetição, suas formações de sentido, suas condições de enunciação, mas em segundo lugar devemos perguntar: *o que este discurso faz? O que ele produz?* Perguntar pela pragmática de um discurso é perguntar pela sua economia libidinal. Que tipo de satisfação, de prazer, de gozo, ele engendra? A análise que Freud fez do funcionamento do chiste é um ótimo exemplo do exame do lugar discursivo da produção. Aquele que conta um chiste produz um efeito no destinatário (riso), do qual se extrai, por identificação, um fragmento de gozo, que pode ser reincorporado pelo sujeito, à condição de que se reconheça o lugar simbólico de quem sanciona o chiste, mais além do destinatário.

As narrativas em torno de práticas de tatuagens ou escarificação corporal permitem delimitar com razoável precisão as transformações geradas e geridas no lugar

situa-se *no plano do real*, ainda que a sua horizontalização consista numa projeção sobre uma superfície bidimensional. E é nesta perspectiva que ele chega à conclusão de que o nó é escrita.

reservado no discurso à produção. Há mudanças de discurso que são sincrônicas à experiência da dor, à sensação de presença, ao gozo do mostrar-esconder, à vergonha ou orgulho de exibir⁵. Também quando se trata do mal-estar do sujeito podemos distinguir, no lugar da produção, imperativos superegoicos, de posições de idealização, traços de sublimação, efeitos de luto. Tais efeitos podem ser articulados com o modo como o sujeito busca se inscrever nos diferentes discursos. Expressões defensivas no discurso do mestre, tais como evitamentos, não respostas, enunciados de sentido comum, convocações ao entrevistador, dispersão, agitação comportamental, passividade, lassitude, são compatíveis com o fato de que nele o lugar da produção é ocupado pelo objeto. Na histerização do discurso, efeitos de divisão subjetiva, incitamento significante, apelos são compatíveis com o fato de que, neste discurso, o que ocupa o lugar da produção é o saber. Na reativação universitária do processo discursivo, movimentos como dirigir ao investigador pedidos de esclarecimento e a significação da situação de entrevista como uma situação de avaliação ou prova mostram como neste discurso o lugar da produção é ocupado pelo sujeito.

O lugar da produção produz efeitos diferenciais conforme as articulações possíveis entre o sujeito e a cadeia significante. Esta é uma importante contribuição da psicanálise às teorias do discurso, ou seja, há uma corporeidade do discurso que faz de corpo (*corpus*), um corpo capaz de produção. Produção que pode se modalizar, por exemplo, na *forma* de trocar, poupar, incitar, impedir, ordenar o prazer. Assim como há uma forma mercadoria, no processo de produção capitalista dos objetos, há uma forma libidinal no processo de produção discursiva da satisfação.

Referências

- BARTHES, R. et alli (1966). *Análise Estrutural da Narrativa*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- DELEUZE, G. (1969). *Lógica do Sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- DERRIDA, J. (1973). *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- DUNKER, C. I. L. (2005). Truth Structured like Fiction: sexual theories of children viewed as narrative. *Journal for Lacanian Studies*, v. 2, p. 183-197, 2005.
- FOUCAULT, M. (1969). *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- GREIMAS, A. (1966). *Semântica Estrutural*. São Paulo: Cultrix-Edusp, 1973.
- GUIRADO, M. (1975). *Psicanálise e Análise do Discurso*. São Paulo: Summus, 1975.

5 Supomos previamente que é uma hiância, um real que vem em posição de agente e que autoriza o balancim discursivo.

- JAMESON, F. (1981). *O Inconsciente Político*. São Paulo: Ática, 1992.
- LACAN, J. (1955-56). *Séminaire livre III, le Psychoses*. Paris: Seuil, 1988.
- _____ (1957-58). *Séminaire, livre V, Les formations de l'inconscient*. Paris, 1998.
- _____ (1958). *La direction de la cure et les principes de son pouvoir*. Paris: Édition du Seuil.
- _____ (1958-59). *Séminaire, livre VI, Le désir et son interprétation*. Inédit.
- _____ (1961-62). *Séminaire, livre IX, L'identification*. Inédit.
- _____ (1964). *Séminaire, livre XI, Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Paris: Seuil.
- _____ (1966). *Écrits*. Paris: Seuil.
- _____ (1970-71). *Séminaire, livre XVIII, D'un discours qui ne serait pas du semblant*. Inédit.
- _____ (1973). *L'étourdit. Scilicet*, n° 4. Paris: Seuil, p. 5-52, 1973.
- MAINGUENEAU, D. (1993). *O Contexto da Obra Literária*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- MALEVAL, J. C. (2000). *La forclusion du nom-du-père*. Paris: Seuil.
- PÊCHEUX, M. et alli (1982). Apresentação da análise automática de discurso. In: *Por uma Análise Automática de Discurso*. Campinas: Unicamp, 1997.
- RONA, P. M. R. (2010). *A Topologia na Psicanálise de Jacques Lacan: o significante, o conjunto e o número*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia da USP, 2010.
- TORFING, J. (1999). *New Theories of Discourse – Laclau, Mouffe and Zizek*. Blackwell, 1999.
- TRASK, R. L. (2004). *Dicionário de Linguagem e Lingüística*. São Paulo: Contexto, 2004.
- ZIZEK, S. (1994). O espectro da ideologia. In: *Um mapa da Ideologia*, Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

Recebido em 20/11/2011; Aprovado em 5/1/2012.